

INTRODUÇÃO À EDIÇÃO PORTUGUESA

A vida nocturna dos cabalistas é um tema do misticismo judaico que ainda espera estudos profundos. Mais preocupados com as ideias, as teologias e as inovações dos cabalistas, os eruditos estavam menos atentos aos aspectos experienciais da imensa literatura cabalista.

Em muitos casos, as experiências que ocorriam durante a noite desempenharam um papel importante nas actividades dos cabalistas: não só porque estes sonhavam como qualquer outra pessoa, mas porque tentavam induzir os sonhos através de técnicas, de procedimentos oníricos, que têm, desde a mais alta Antiguidade, uma longa história no seio do Judaísmo.

Podemos procurar compreender a importância do papel desempenhado por estas técnicas, que visavam alcançar respostas em sonhos, comparando-as com a motivação que presidia às técnicas e rituais do misticismo judaico. A importância de algumas acções específicas é imensa no Judaísmo enquanto religião, e esta importância permaneceu também em muitas das formas do misticismo judaico. Todavia, alguns cabalistas recomendavam o recur-

so, durante a noite, a outras técnicas que visavam alcançar certas experiências não oníricas.

Tirando partido da calma e do isolamento, próprios da noite, alguns cabalistas recomendavam técnicas que procuravam induzir a concentração mental, as revelações e até a união com o divino. Enquanto a maior parte dos cabalistas – pertencentes às escolas principais, que designei por teosófico-teúrgicas – davam importância ao período diurno, durante o qual eram realizados os mandamentos rabínicos com o fim de modificar os processos secretos do divino, outros cabalistas recorriam a ações que visavam transformar os processos íntimos da consciência humana.

É este interesse pelos processos interiores, juntamente com a crença de que a esfera divina também se revela em sonhos, que anima muitas das discussões que se seguirão. Estes autores, que vamos acompanhar de seguida, acreditavam que o caminho entre Deus e o homem não está vedado e que mesmo algumas formas de perfeição, como a profecia, que os mestres rabinos consideravam impossíveis de alcançar no período pós-bíblico, ainda estão acessíveis para as elites judaicas que possuem o segredo destas técnicas.

Deste ponto de vista, nomeadamente a confiança na eficácia imediata das técnicas e dos rituais, os cabalistas estavam mais próximos das formas orientais de misticismo, como o Sufismo, o Heticismo e o Ioga, do que das formas ocidentais do misticismo na Europa.

Moshe Idel
Jerusalém, 2005

1

SONHOS, TÉCNICAS ONÍRICAS E CABALA

A interpretação dos sonhos é significativa e possível, porque os próprios sonhos são interpretações. Embora não sejam interpretações de textos definitivos e imutáveis, criam, nos seus processos, algo que é simultaneamente uma entidade independente e uma interpretação de outra coisa, por muito evasiva que seja.

A interpretação freudiana diria que os sonhos reflectem as camadas inconscientes, ocultas, da alma humana. Deste ponto de vista, ao sonhar, cada um entra em relação com outra realidade, que é em si mesma oculta. Assim, os sonhos aparecem como revelações vindas dessa terra longínqua que é o inconsciente. Da perspectiva da psicanálise o sonho é uma abertura para as camadas recalçadas da consciência. Tal como para os psicanalistas modernos, também para os cabalistas o sonho pode ser um sinal de estados ou sentimentos de privação, tensão ou até de uma pressão ou repressão mais graves.

Como qualquer homem, também os cabalistas sonhavam. A maior parte dos seus sonhos, presumo, seriam semelhantes aos pesadelos ou aos assuntos mundanos que preenchem as noites de

todos os seres humanos. Todavia, os cabalistas tinham também os seus sonhos próprios que, tal como no caso dos outros homens, pertenciam às suas preocupações particulares enquanto cabalistas. Procuravam resolver os seus problemas através dos sonhos. Não nos deve espantar, pois, que encontremos, com frequência, nos seus relatos tentativas de lidar com um dos temas centrais do esoterismo judaico, o da natureza do nome divino. Embora estes sonhos algumas vezes contivessem assuntos que eram inegavelmente concebidos, eles mesmos, como cabalísticos, essa é uma questão diferente da de saber se o conteúdo dos sonhos era concebido como “cabala”, quer dizer, uma tradição esotérica. Presumo que para alguns cabalistas, em especial para aqueles que não deixaram relatos dos seus sonhos, estes não seriam considerados de modo nenhum como assuntos cabalísticos. Se a cabala foi concebida, e foi-o frequentemente, como uma tradição secreta transmitida oralmente desde a mais Alta Antiguidade, como poderiam então os sonhos pessoais criar cabala? Realmente, aqueles cabalistas que abraçavam uma visão tradicional da sabedoria judaica secreta, e os seus seguidores, não permitiriam a atribuição de um estatuto noético significativo ao jogo da imaginação. Todavia, outros atribuíram. E não é apenas o caso do famoso cabalista Hayyim Vital, que coligiu inúmeros sonhos seus e de outros, incluindo mulheres e gentios, com o fim de provar, fundamentalmente a si mesmo, o seu estatuto singular como cabalista e figura messiânica¹.¹

A importância dos sonhos na cabala pode ser avaliada não apenas pela análise dos próprios sonhos relatados pelos cabalistas

¹ Para maior comodidade do leitor, dividimos as notas do texto em dois grupos: um que mantivemos em pé de página (sempre que as notas nos pareceram importantes para uma melhor compreensão do texto) e outro que remetemos para o final do livro (sempre que as notas são apenas complementos bibliográficos ou referências ao hebraico). As notas de pé de página são assinaladas a numeração romana; as notas que remetem para o fim do livro são assinaladas a numeração árabe [n.t.].

ao longo dos séculos, que são até relativamente escassos; apesar de tudo, sonhar é um fenómeno humano natural. Na minha opinião, o estatuto dos sonhos na cabala deve ser julgado pela existência, entre os cabalistas, de técnicas para os induzir.² Este critério duplo, a saber, a atribuição de um estatuto significativo aos sonhos na cabala, partilhado simultaneamente por muitos cabalistas ou não cabalistas judeus, e a ocorrência de técnicas pertinentes para os alcançar, ainda necessita de uma análise detalhada. Limitar-me-ei a apresentar aqui uma tentativa de iniciar essa análise, apontando as possíveis implicações da investigação de um género literário importante – o sonho-resposta¹ – para a história e a fenomenologia da cabala, e que tem sido amplamente negligenciado pelos eruditos modernos do misticismo e da magia judaicos.

Ao contrário das formas clássicas das técnicas oníricas, ligadas a templos e santuários, como as apresentadas na Antiguidade pelas fontes gregas e helenísticas, as fórmulas judaicas, tanto antes como depois da emergência da cabala, não estão ligadas a nenhum lugar sagrado. Elas pressupõem uma força divina motora, representada por mensageiros angélicos, enquanto as descrições da Antiguidade pressupõem uma divindade ligada ao lugar onde se procura o contacto com ela. A poderosa divindade do lugar, que se revela em sonhos de incubação, difere da divindade menos forte dos sonhos-resposta, que, apesar de não estar relacionada com um determinado lugar, comunica também a mensagem solicitada através de seres intermediários, anjos ou hipóstases do divino neste mundo, a receptores, por sua vez, mais fortes.

¹ *Dream-question*, no original inglês, traduz o hebraico *she'elat halom*. O tradutor verteu esta expressão para português como “sonho-resposta”. O inglês *question*, sendo uma palavra polissémica, engloba simultaneamente a noção de *pergunta* e de *busca*, ao contrário do português que cristalizou a raiz latina (*quest*) apenas no primeiro dos dois significados indicados. Perante a dificuldade na tradução desta expressão, interrogámos o Professor Moshe Idel, que nos deu a seguinte resposta e que aqui, com a sua autorização, publicamos: «O problema aparece também em qualquer outra língua, incluindo o hebraico. *Dream-question* é uma forma elíptica para a expressão *uma técnica para receber respostas em sonho, pelo recurso a uma técnica que inclui formular uma pergunta antes de adormecer*» [n.t.].

Tal como noutros casos, a introdução de um género literário quantitativamente significativo, antes negligenciado, pode contribuir para uma nova compreensão do campo em que este corpo literário é reincorporado – espero que assim aconteça neste caso. Noutras palavras, uma maior atenção à importância e à extensão da literatura relacionada com os sonhos-resposta pode ajudar-nos a compreender não apenas a magia judaica, mas também outros fenómenos relacionados do misticismo judaico³. De seguida, serão examinados e interrogados dois grandes grupos da literatura cabalística, relativamente negligenciados pelos eruditos, com o propósito de estudar o estatuto do sonho nos seus escritos.